

USO DE TELAS DIGITAIS POR CRIANÇAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL¹

USE OF DIGITAL SCREENS BY CHILDREN AT AN EARLY CHILDHOOD EDUCATION CENTER

Maria Izabel Rodrigues Tognato

Possui pós-doutorado em Didática das Línguas na Universidade de Genebra, com experiência internacional. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora associada da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e docente permanente em programa de pós-graduação. Atua na formação docente e pesquisa em linguística aplicada. Coordena grupos de pesquisa e participa de projetos voltados ao ensino de língua inglesa e letramentos acadêmicos. Suas pesquisas abrangem formação humana, processos socioculturais e ensino-aprendizagem de línguas.

E-mail: maria.tognato@ies.unespar.edu.br

Resumo: Considerando a relevância do desenvolvimento da linguagem infantil, buscamos entender a relação entre o uso de telas digitais e o desenvolvimento da linguagem da criança, investigando os aspectos interdisciplinares que perpassam os processos socioculturais constitutivos da formação da criança em relação às esferas institucionais como a escola e a família. Para tanto, pautamos nossos estudos nas perspectivas da teoria histórico-cultural, da teoria da complexidade e da pesquisa interdisciplinar. Quanto aos procedimentos metodológicos, no que diz respeito à natureza da pesquisa, fundamentamos este estudo na abordagem qualitativo-interpretativista. No que se refere à coleta e geração de dados, utilizamos estudos bibliográficos e um questionário *on-line* via *Google Forms* aplicado a professores, pais e outros profissionais de diferentes áreas do conhecimento, relacionados ao contexto investigado. Em relação às análises dos dados coletados, utilizamos alguns dos princípios da teoria da complexidade, a saber: hologramático e recursividade, além de alguns procedimentos do interacionismo sociodiscursivo (ISD), como o contexto de produção e plano global. Com os estudos bibliográficos, foi possível identificar lacunas e algumas contribuições de diferentes pesquisas acerca da temática tratada em nosso estudo, o que nos possibilitou obter um entendimento mais ampliado sobre o uso de telas na formação

¹ Este trabalho vincula-se ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), *campus* de Campo Mourão, bem como aos estudos interdisciplinares do Grupo de Pesquisa Linguagem, Desenvolvimento, Educação e suas Relações (Lidere), coordenado pela profa. dra. Maria Izabel Rodrigues Tognato, também orientadora deste trabalho no programa mencionado.

das crianças e a influência desse uso em seu desenvolvimento. Como resultado da análise dos dados obtidos, identificamos aspectos sociais e culturais pelos quais o uso de telas influencia o desenvolvimento da criança, afetando o processo de aquisição da linguagem. Com base nesses resultados, entendemos que tais influências podem ser tanto negativas quanto positivas.

Palavras-chave: Desenvolvimento da linguagem. Primeira infância. Telas digitais. Educação pré-escolar. Comportamento infantil.

Abstract: Considering the relevance of children's language development, we seek to understand the relationship between the use of digital screens and children's language development, investigating the interdisciplinary aspects that permeate the sociocultural processes that constitute children's development, in relation to institutional spheres such as school and family, as well as the possible overlaps between global and local dimensions. To this end, we based our studies on the perspectives of historical-cultural theory, complexity theory and interdisciplinary research. Regarding the methodological procedures, regarding the nature of the research, we based this study on the qualitative-interpretative approach. Regarding data collection and generation, we used bibliographic studies and an online questionnaire via *Google Forms* with teachers, parents and other professionals from different areas of knowledge, related to the context investigated. Regarding the analysis of the collected data, we used some of the principles of complexity theory, namely: hologramatic and recursive, in addition to some Sociodiscursive Interactionism (SDI) procedures such as the context of production and global plan. With the bibliographic studies, it was possible to identify gaps and some contributions from different researches about the theme addressed in our study, which allowed us to obtain a broader understanding about the use of screens in the education of children and the influence of this use on their development. As a result of the analysis of the data obtained, we identified social and cultural aspects through which the use of screens influences the development of the child, affecting the process of language acquisition. Based on these results, we understand that such influences can be both negative and positive.

Keywords: Language development. Early childhood. Digital screens. Preschool education. Child behavior.

INTRODUÇÃO

O comportamento das crianças em idade pré-escolar tem demonstrado mudanças que podem influenciar o desenvolvimento da linguagem. Tais mudanças observadas no contexto da educação infantil manifestam-se, em muitos casos, como

comportamentos silenciosos ou excessivamente agitados, apontando para uma passividade ou indiferença ao ambiente de aprendizagem, ocasionando dificuldades na interação e atrasos no desenvolvimento da fala. Nesse contexto, o uso cada vez mais frequente de dispositivos móveis, como celulares e *tablets*, no cotidiano dessas crianças, seja durante a chegada ao Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), em reuniões de pais ou em outras situações de socialização, tem despertado reflexões sobre o impacto do uso de telas digitais no desenvolvimento dessas crianças.

Esse cenário nos leva a refletir sobre a relação entre o uso de telas digitais e o desenvolvimento das crianças, pautando-nos na hipótese de que as mudanças de comportamento das crianças têm ocorrido, principalmente, em função do uso de telas digitais, o que pode acarretar um vínculo com o desenvolvimento da linguagem. Por essas razões, este estudo visa entender a relação entre o uso de telas digitais e o desenvolvimento da linguagem na criança. Sendo assim, esta investigação justifica-se pela necessidade de um maior entendimento sobre o impacto das tecnologias digitais nas crianças, particularmente nos contextos educacional e familiar, na medida em que contribui para a reflexão sobre os processos educativos e socioculturais, mais especificamente acerca do papel social da escola, da família e da sociedade como instituições que, de algum modo, influenciam e constituem a formação da criança em relação ao uso de telas. Diante do exposto, fundamentamos nossos estudos nos seguintes objetivos específicos: 1. identificar quanto e como as crianças utilizam as telas digitais em diferentes contextos; e 2. mapear os fatores que influenciam o desenvolvimento da linguagem infantil em relação ao uso de telas digitais.

Com isso, no sentido de melhor direcionar as discussões deste trabalho, pautamo-nos em uma questão norteadora, a saber: “O uso de telas digitais por crianças em idade pré-escolar pode influenciar e/ou afetar seu desenvolvimento?”. Desse modo, a fim de nos auxiliar no percurso de discussão sobre a temática tratada neste estudo, ancoramos nossa investigação na perspectiva da pesquisa interdisciplinar (Alvarenga *et al.*, 2011; Santos, 2012), aliada à teoria da complexidade (Morin, 1996, 2005, 2007, 2010), na teoria histórico-cultural (Vigotski, 2009) e nos pressupostos teórico-metodológicos do interacionismo sociodiscursivo – ISD (Bronckart, 1997) no que diz respeito à concepção de desenvolvimento da linguagem e a alguns procedimentos de análise.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, em relação à natureza da pesquisa, pautamo-nos na abordagem qualitativo-interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008; Divan; Oliveira, 2008), envolvendo a quantitativa e a qualitativa, levando-se em consideração a combinação de ambas as abordagens no sentido de buscar a confirmação, a convergência e a correspondência dos resultados de ambos os métodos, uma vez que tal junção pode contribuir para uma compreensão mais efetiva dos dados obtidos no processo de investigação. Assim, a explicitação e a interpretação dos resultados, por

meio da integração de ambas as abordagens, nos auxiliam nas análises, propiciando maior abrangência da pesquisa pela complementaridade dos dados analisados por cada uma das abordagens, ampliando a compreensão do objeto de estudo.

Quanto ao contexto de produção da pesquisa, no que diz respeito aos instrumentos de coleta e geração de dados, utilizamos estudos bibliográficos e um questionário *on-line* via *Google Forms* aplicado a professores da educação infantil, pais e outros profissionais de diferentes campos do conhecimento, a saber: fonoaudiologia, neuropediatria e psicologia. No que tange ao local da pesquisa, trata-se de uma escola que em dezembro de 2022, quando foi realizada a coleta de dados, contava com 66 crianças, dez professoras e sete estagiários auxiliares. Em relação aos participantes da pesquisa, envolvemos 20 pais de duas turmas de crianças na faixa etária entre 3 e 4 anos, do maternal II, do contexto educacional mencionado, bem como dez professores do CMEI, além de três outros profissionais das diferentes áreas de conhecimento, como um neuropediatra, uma psicóloga e uma fonoaudióloga.

No que concerne à organização textual deste trabalho, sistematizamos, além deste texto introdutório, as seguintes seções: 1. apresentação de uma síntese da nossa proposta de investigação; 2. aportes teóricos norteadores que contemplam uma discussão acerca da temática tratada; 3. procedimentos metodológicos, em que se indicam os elementos do contexto de produção de nossa pesquisa, envolvendo os procedimentos de coleta e geração de dados, bem como de análise; 4. discussão dos resultados das análises, em que se discorre sobre os dados obtidos no sentido de atender aos objetivos específicos; 5. considerações finais, a fim de corroborar o atendimento aos objetivos da pesquisa; e 6. as referências utilizadas no decorrer deste estudo.

A seguir, detalharemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa.

A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E A INFÂNCIA

Para analisarmos a influência do uso de telas digitais por crianças pequenas, é fundamental compreender como ocorre o desenvolvimento psíquico infantil nos primeiros anos de vida. Nesse sentido, Vigotski (2009) destaca esse desenvolvimento como eminentemente social. Para o autor, o desenvolvimento psíquico não é resultado da maturação biológica, mas um processo decorrente da apropriação da cultura que ocorre por meio das interações sociais, uma vez que, na infância, o sujeito interage basicamente com pessoas dos meios familiar e escolar, os quais exercem papel fundamental nesse desenvolvimento.

Para Vigotski, a criança é um sujeito com características próprias, que precisa se desenvolver integralmente, participando do processo de aprendizagem de forma ativa. Ou seja, nessa perspectiva, o indivíduo é formado pela apropriação da cultura por meio

das interações sociais, visto que a cultura envolve conhecimentos, arte, normas e valores produzidos sócio-historicamente pela humanidade. Na interação com outras pessoas que já dominam essa cultura, a criança vai se apropriando desses bens culturais e desenvolvendo nela as formas de pensar e atuar no mundo. Daí a importância da concepção da teoria histórico-cultural para entender o desenvolvimento humano e o papel social do sujeito e de outros sujeitos com quem ele interage nos processos de sua formação, pois Vigotski (2009) ressalta que o que aprendemos quando criança é transportado para as mais diferentes experiências de vida ao longo de nossa existência. Desse modo, o contexto histórico no qual a criança está inserida influencia diretamente seu desenvolvimento, uma vez que os aspectos sociais e culturais são inerentes a esse contexto. Para o autor, esse processo de constituição social dos sujeitos ocorre desde a fase inicial de vida, em função dos ambientes cultural e histórico que os constituirão. Assim, as ações sociais são internalizadas pela criança por meio de mediação simbólica. Em relação ao conceito de mediação, Cristovão e Fogaça (2008, p. 17-18), ao tratarem da concepção de desenvolvimento segundo Vigotski, ressaltam que “a aprendizagem é um processo pelo qual as pessoas adquirem valores, habilidades, atitudes, informações, conceitos, por meio da interação social, e de seu contato com o meio ambiente”. Além disso, como os autores discutem, “A relação do homem com o mundo é, então, uma relação mediada por ferramentas/artefatos (materiais e simbólicos)”, e, nesse processo de interação, “a pessoa (que é constituída pela linguagem)” interage com “outras pessoas (outrem), e objetos” (Cristovão; Fogaça, 2008, p. 17-18).

À medida que novos símbolos são utilizados, o sujeito vai adquirindo informações ou formando os seus conceitos, valores e competências com as relações e interferências de outros indivíduos, como instrumentos de sua organização e controle. De acordo com essa perspectiva, o indivíduo é sócio e historicamente dependente de outros indivíduos para que o desenvolvimento aconteça, pois, para que a aprendizagem ocorra, é necessária a mediação, entre sujeito e objeto, por meio de um elemento mediador. Em outras palavras, um sujeito carrega consigo marcas, sua história desde recém-nascido e sofre ou recebe informações de outros elementos, objetos ou outras pessoas que também carregam consigo sua história, suas marcas e suas características.

Desse modo, o desenvolvimento é entendido por Vigotski como um embate por meio do qual o psiquismo reelabora constantemente as relações entre as pessoas, as quais, por sua vez, impulsionam o psiquismo a reelaborar as informações para si próprio. Ou seja, em seu processo de desenvolvimento, a pessoa torna-se aquilo que vivencia de si mesma com base no que vivencia com os outros. Com isso, entendemos que o desenvolvimento ocorre por meio das relações entre o agir social e o agir individual, conforme discute Bronckart (1997[2009]) nos aportes do ISD, como em um movimento

dialético, a nosso ver, conforme ilustra a sistematização das correlações entre o agir individual e o agir social, por nós representadas na Figura 1.

Figura 1: Correlações entre o agir individual e o social



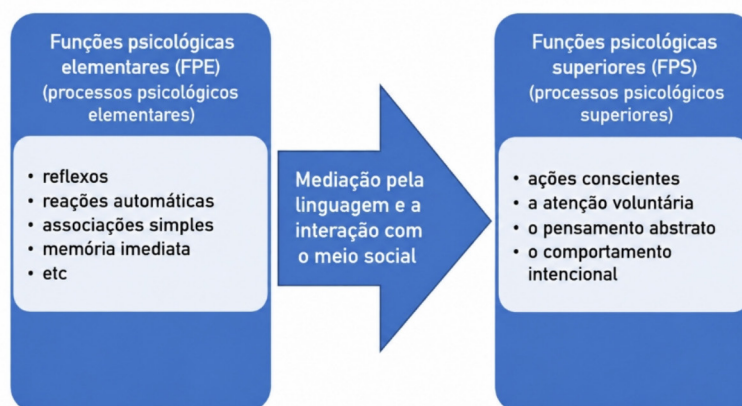
Fonte: Bomdaruk (2024, p. 45).

Partindo de tais correlações, entendemos que o meio externo nos propicia a possibilidade de aprendizagem e que o desenvolvimento ocorre pelo convívio social, pela interação do sujeito com o outro. Desse modo, é possível estabelecer uma correlação entre o agir social ou coletivo e o agir individual, relacionando o primeiro ao que denomina nível sociológico, envolvendo o conceito de atividade, e o segundo ao que denomina nível psicológico, envolvendo o conceito de ação. Ambos os níveis são por nós considerados unidades integradoras que se correlacionam entre si. Por essas razões, entendemos que a relação do sujeito com diferentes grupos sociais em diferentes contextos é fundamental para que possa haver o seu desenvolvimento, uma vez que tanto as ações quanto a atividade são mediatizadas pela linguagem, o que propicia o desenvolvimento. Tal é a concepção defendida pelo ISD ao considerar a linguagem como elemento essencial ao desenvolvimento humano.

Nessa perspectiva de movimento dialético, tomando por base os estudos de Vigotski, ressaltamos que a criança nasce com as funções psicológicas elementares (FPE), e, mediante um processo de interação com os meios social e cultural em que vive, essas funções transformam-se em funções psicológicas superiores (FPS), como as ações conscientes, a atenção voluntária, o pensamento abstrato e o comportamento intencional. No que diz respeito às FPE, consideradas processos psicológicos elementares, de acordo com Facci (2004, p. 205), também com base em Vigotski, envolvem

“reflexos, reações automáticas, associações simples, memória imediata, etc.”, sendo determinados pelas especificidades da psique. No que tange às FPS, tomadas como processos psicológicos superiores pela autora, abrangem atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato e planejamento, ocorrendo “durante o processo de desenvolvimento cultural, representando uma forma de conduta geneticamente mais complexa e superior” (Facci, 2004, p. 204). Dessa forma, os aspectos culturais contribuem para a formação social dos indivíduos por meio dos quais as FPS vão se constituindo progressivamente. Ou seja, é pela mediação que tais funções se desenvolvem (Facci, 2004, p. 204). Para maior compreensão sobre a concepção de mediação, há que se considerar que a passagem das funções ou dos processos psicológicos elementares para as funções ou os processos psicológicos superiores ocorre pelo processo de formação de conceitos na criança (Vigotski, 2009), os quais ocorrem por meio da interação social pelo uso da linguagem. Assim, entendemos que se trata de processos constitutivos da formação humana geradores do desenvolvimento, conforme ilustramos na Figura 2.

Figura 2: Passagem das FPE para as FPS



Fonte: Elaborada pela autora com base em Vigotski (2009) e Facci (2004).

De acordo com Vigotski, a criança vai progressivamente internalizando o uso da linguagem, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de criação pelo uso da sua imaginação. No início, as crianças comunicam-se com os adultos, conforme sua necessidade, por meio de choro, risos, gestos, balbucios, ou seja, a necessidade de comunicação antecede a compreensão da função de uso de palavras. Assim, entendemos que, na primeira infância, as interações com outras pessoas e situações diversas contribuem para o desenvolvimento da criança, uma vez que o que antes era realizado por meio de choros e gestos, após um tempo, transforma-se em linguagem verbalizada.

A TEORIA DA COMPLEXIDADE E OS ASPECTOS INTERDISCIPLINARES

Ao refletirmos sobre o uso de telas digitais como elemento social e cultural que pode influenciar o processo de desenvolvimento da linguagem das crianças na primeira infância, assumimos o desafio de repensar o contexto social mais amplo no qual a criança se insere, o contexto familiar. Para isso, buscamos aportes na pesquisa interdisciplinar (Alvarenga *et al.*, 2011; Santos, 2012), vinculada à teoria da complexidade (Morin, 1996, 2005, 2007, 2010), ao se investigar um determinado objeto de estudo, considerando-se os diferentes aspectos sociais e culturais, oriundos de diversos campos teóricos, que podem constituir-lo ou influenciá-lo.

Trata-se de um paradigma que prima pela necessidade e pela importância de olharmos não somente o todo, mas também as partes (princípio hologramático), relacionando-os e considerando as várias dimensões envolvidas entre tais aspectos. Segundo Morin (1991, p. 107), “não apenas a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no interior do todo”, visto que somos influenciados o tempo todo por diferentes situações e contextos sociais, bem como culturais, em nosso processo de formação e desenvolvimento.

Nessa perspectiva, tomamos por base os estudos de Alvarenga *et al.* (2011, p. 21), ao explicitarem a importância da interdisciplinaridade pela investigação de diferentes aspectos sociais e/ou culturais “nas fronteiras disciplinares e na (re)ligação de saberes”, como contribuição à compreensão de “fenômenos complexos de diferentes naturezas”. Além disso, pautamo-nos nos estudos de Santos (2012, p. 133), ao tratar da interdisciplinaridade como uma “imbricação entre disciplinas diversas ao redor de um mesmo objetivo de estudo”, defendendo que integrar diferentes campos teóricos contribui para o estudo do fenômeno investigado. Nesse sentido, Morin (2005, p. 176) explicita que “somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais”, e, por isso, a pesquisa interdisciplinar se faz relevante e necessária.

Nessa mesma esteira, Santos (2012, p. 133) destaca a importância de olhar para as dimensões sociais que influenciam um dado objeto de investigação. Para Santos (2012, p. 133), essa “imbricação entre disciplinas diversas ao redor de um mesmo objetivo de estudo” nos auxilia no estudo do fenômeno investigado, integrando diferentes campos teóricos.

Assim, também nos pautamos no princípio da recursividade, referente ao ciclo retroativo. A nosso ver, é possível estabelecermos uma correlação entre esse princípio e a perspectiva do materialismo dialético, conforme proposto por Marx (1962), ao tratar do movimento de transformação e contribuições do sujeito ao seu entorno social e a si mesmo enquanto transforma o meio no qual se insere. Nesse mesmo intuito, Peto e Veríssimo (2017, p. 5) salientam que “não se pode transformar a si sem transformar o entorno. O ser humano transforma o seu entorno ao mesmo tempo em que transforma

a si”. Em outras palavras, o princípio da recursividade diz respeito às influências e/ou contribuições que diferentes contextos ou sujeitos podem exercer uns sobre os outros, como é o caso do contexto familiar e do contexto educacional e suas relações nos quais as crianças participantes desta pesquisa se inserem, conforme ilustra a Figura 3.

Figura 3: Contexto investigado e suas relações entre as partes e o todo



Fonte: Elaborada pela autora.

Diante do exposto, destacamos a importância de considerarmos os contextos envolvidos nesta investigação, mais especificamente os aspectos relacionados ao contexto familiar. Ademais, conforme Brito (2022) explica acerca do uso de telas digitais na primeiríssima infância, sob a ótica de mães e profissionais, os primeiros mil dias de vida de uma criança são o período mais crítico para o desenvolvimento cerebral, sendo determinantes para o amadurecimento da arquitetura cerebral. Se, nesse momento, os estímulos forem adequados, poderão trazer inúmeros benefícios para o desenvolvimento da criança. Do contrário, a ausência de oferta de estímulos à criança nos contextos sociais e saúde e nutrição insatisfatórias podem prejudicar o processo de maturação cerebral e limitar o desenvolvimento na infância.

A autora afirma que, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), estudos sobre o uso excessivo de telas e o desenvolvimento infantil evidenciam a influência negativa do tempo elevado de uso de telas, pois, ao usar as telas demasiadamente, a criança não coloca em prática suas habilidades motoras e de comunicação; e há alterações no sono, na concentração e no aprendizado, sedentarismo, risco para obesidade, problemas de ordem psicológica, ansiedade e depressão; dificuldades auditivas e

visuais, problemas comportamentais, como perigo de autoagressão ou até tentativa de suicídio, entre outros. No entanto, se utilizada com cautela e sob supervisão, pode também haver benefícios suscitados pelo uso de telas, dependendo do tipo de mídia utilizada, da forma de utilização, do conteúdo assistido e do tempo diário de uso. Porém, para crianças de 0 a 2 anos, os benefícios educacionais são questionáveis.

Por isso, Brito (2022), apoiada no documento da SBP, preconiza que crianças de 0 a 2 anos de idade não façam uso de telas. As crianças com idade entre 2 e 5 anos devem ter limitado o uso das mídias digitais de, no máximo, uma hora por dia de programas de excelente qualidade, monitorado pelo responsável, com atenção para a classificação indicativa do conteúdo acessado, e não utilizarem dispositivos durante as refeições e próximo ao horário de dormir. Apoiada em outras produções científicas, a autora enfatiza que a utilização indevida de mídias interativas prejudica o desenvolvimento da linguagem e dos processos cognitivos, que deveriam ser estimulados pela interação entre pais e filhos. Suas considerações acerca do tema apontam para a necessidade de “sensibilização e a disseminação do conhecimento sobre as telas digitais”, bem como suas repercussões na primeiríssima infância como estratégia importante para se buscarem hábitos saudáveis para a promoção do desenvolvimento infantil, sendo fundamental o planejamento de meios para a redução do seu uso desde a primeiríssima infância. Assim, os profissionais de saúde e da educação devem orientar e estimular práticas que visem limitar o tempo de tela das crianças e assegurar outros tipos de atividades.

Na sequência, trataremos do contexto de produção de nossa pesquisa, explicitando os procedimentos metodológicos utilizados.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos² adotados ao longo da pesquisa envolveram estudos bibliográficos, uso de instrumentos de coleta e geração de dados utilizados por meio da aplicação de um questionário *on-line* via *Google Forms* a professores, pais e profissionais de diferentes áreas, além do tratamento dos dados.

No que diz respeito ao estudo bibliográfico acerca de pesquisas relacionadas à temática de nossa investigação, encontramos algumas abordagens teóricas e metodológicas que sustentam a discussão da temática norteadora deste estudo. No entanto, para este trabalho, destacamos uma dessas pesquisas em função do espaço para a produção deste texto. Desse modo, após sistematizarmos o levantamento bibliográfico das pesquisas encontradas e selecionadas relacionadas à temática da nossa

2 Nosso projeto de pesquisa obteve aprovação pelo Comitê de Ética da Unespar – CAAE nº 63792322.5.0000.9247 e Parecer nº 5.690.215 – em 7 de outubro de 2022. Após a aprovação, enviamos a carta-convite e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes de nossa pesquisa.

pesquisa e discorrermos sobre seus estudos, obtivemos quatro dissertações encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), duas teses no banco de dados da Capes e quatro artigos científicos na SciELO, totalizando dez pesquisas analisadas.

No sentido de auxiliar no processo de busca das pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, compartilhamos os passos por nós utilizados, seguindo critérios de exclusão e inclusão, com o objetivo de selecionar estudos relevantes para o tema da pesquisa, os quais são ilustrados na Figura 4, para a visualização do percurso de busca e a aplicação dos critérios de seleção das pesquisas.

Figura 4: Processo de busca pelo Catálogo de Teses e Dissertações da Capes



Fonte: Elaborada pela autora com base em Bomdaruk (2024, p. 60).

Diante do exposto, constatamos que as pesquisas encontradas e selecionadas destacam a importância das interações sociais para o desenvolvimento infantil, alertando que o uso excessivo de tecnologia no período da infância em idade pré-escolar pode prejudicar sua formação. As publicações selecionadas indicam que a interação com outras pessoas é fundamental na primeira infância e que o uso de tecnologias pode ter impactos tanto negativos quanto positivos no desenvolvimento das crianças.

Este estudo bibliográfico aprofundou nossa reflexão sobre as influências do uso excessivo de dispositivos tecnológicos no desenvolvimento infantil, destacando sua preocupação com a constituição psíquica e o desenvolvimento emocional e social da criança, aspectos essenciais para um crescimento saudável.

No que se refere à natureza deste estudo, pode ser caracterizado como exploratório, uma vez que procuramos entender um objeto de estudo, mapeando suas condições de manifestação e causas (Severino, 2007). Além disso, pautamos este trabalho na abordagem qualitativo-interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008; Divan; Oliveira, 2008). De acordo com Bortoni-Ricardo (2008) e Divan e Oliveira (2008), os conceitos emergem dos dados e refletem aspectos do contexto social no qual estão inseridos, e, no método qualitativo de pesquisa, os conceitos e as teorias emergem dos dados e são exemplificados neles.

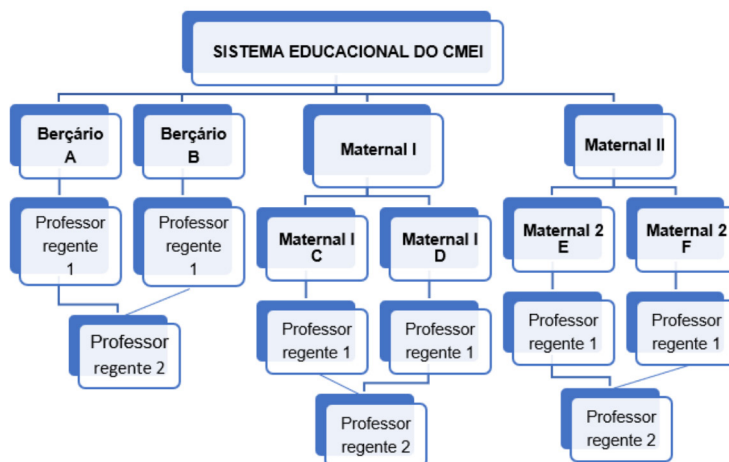
Em relação ao contexto de produção de nossa pesquisa, fundamentada nos aportes teóricos de Bronckart (1997), a respeito dos parâmetros que influenciam a organização de um determinado estudo, divididos em dois grupos (contexto físico e contexto sociossubjetivo), consideramos seus respectivos elementos constitutivos, a saber: o contexto físico, envolvendo aspectos como o local e o momento da produção, o emissor e o receptor do texto, e o contexto sociossubjetivo, contemplando o lugar social, as posições sociais dos participantes e os objetivos da interação³.

Nesse sentido, a coleta de dados ocorreu em um CMEI de um município do interior do Paraná, no qual pais e professores, além de três profissionais da área da saúde (um neuropediatra, uma fonoaudióloga e uma psicóloga), foram convidados a responder a um questionário *on-line* via *Google Forms*. Quanto aos professores, nove responderam. No que tange ao grupo dos pais, obtivemos oito respondentes. Quanto aos profissionais da área da saúde, os três convidados responderam ao questionário.

Para uma maior compreensão do contexto de produção deste estudo, descrevemos o local da pesquisa, a qual foi realizada em um CMEI, que, no ano de 2023, quando da coleta e geração de dados, contava com dez professoras, sendo uma coordenadora, uma diretora, duas cozinheiras, duas auxiliares de limpeza e 14 estagiários. O espaço físico incluía um refeitório amplo e aberto, solários, parquinho e brinquedoteca. Em 2021, o CMEI matriculou 75 crianças, divididas em sete salas de aula de acordo com a faixa etária. A organização do CMEI foi sistematizada conforme ilustrado na Figura 5.

3 Para mais explicações acerca desse contexto de produção, ver Moraes (2023).

Figura 5: Sistematização dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora.

A organização do CMEI constitui-se da seguinte forma: o berçário é um nível que compreende de 1 a 2 anos da faixa etária; o maternal I, de 2 a 3 anos; e o maternal II, de 3 a 4 anos. Em relação ao número de crianças atendidas por nível de faixa etária no berçário A, há sete crianças; no berçário B, oito crianças; no maternal I C, 12 crianças; no maternal I D; o CMEI atende 11 crianças; no maternal II E, 12 crianças; e no maternal II F, 14, totalizando 64 atendidas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Para as análises, em relação ao questionário direcionado ao primeiro grupo de participantes, os professores, buscamos identificar a frequência e o modo como as crianças utilizam telas digitais no ambiente familiar, o que nos auxilia a atender ao primeiro objetivo específico deste estudo. Para isso, foram incluídas questões que investigam, primeiramente, se as crianças que frequentam a educação infantil na instituição em que o professor atua utilizam celulares em casa. Em seguida, investigamos as ferramentas tecnológicas a que essas crianças têm acesso em seu contexto doméstico e como esses recursos influenciavam o desenvolvimento e a aprendizagem na fase da educação infantil.

Assim, no que se refere ao uso de celulares pelas crianças em casa, a resposta positiva de 55,6% dos professores indica que uma parte significativa das crianças no contexto de ensino infantil usa celular em casa, apontando para um uso recorrente de dispositivos eletrônicos na vida cotidiana delas. A nosso ver, isso pode influenciar a dinâmica da sala de aula e as abordagens pedagógicas, o que também demanda uma

atenção cautelosa por parte dos educadores ao integrarem a tecnologia em suas práticas de maneira educativa e equilibrada.

Quanto às ferramentas tecnológicas utilizadas pelas crianças, os professores indicam uma variedade de ferramentas tecnológicas e recursos utilizados por crianças no contexto da educação infantil. A presença de mídias tradicionais, como televisão, rádio e DVD, sugere que esses meios continuam desempenhando um papel significativo na exposição das crianças a diferentes formas de conteúdo. A menção de plataformas *on-line*, como YouTube, e a utilização de dispositivos como celular, *tablet* e, ocasionalmente, *notebook*, destacam a influência crescente da tecnologia digital na vivência das crianças. No entanto, é importante notar que, em alguns casos, o acesso a essas ferramentas é controlado, evidenciando uma preocupação com o gerenciamento adequado do uso tecnológico.

No que tange ao segundo objetivo específico deste estudo, que é mapear os aspectos que influenciam o desenvolvimento da linguagem na criança pelo uso de telas digitais, procuramos investigar o uso positivo ou negativo de novas tecnologias e a influência do uso de telas digitais no desenvolvimento da linguagem da criança, a percepção dos professores sobre a diferença no desenvolvimento de crianças que usam celulares ou telas digitais daquelas que não fazem uso dessas tecnologias e as contribuições desse uso de telas digitais nesse período de formação da criança.

No que se refere às questões sobre o uso de novas tecnologias em suas atividades, quais são essas ferramentas tecnológicas e se elas influenciam o desenvolvimento da linguagem da criança, todos os professores afirmaram que sim. As justificativas apresentadas pelos professores para essa influência foram diversas e abrangentes. Alguns professores destacaram que as novas tecnologias contribuem positivamente em imitações, sons, canções, raciocínio lógico, concentração e criatividade. Para outros, o uso de telas digitais mostrou-se benéfico no reconhecimento de cores, formas e alfabeto. A ênfase em uma abordagem dirigida foi ressaltada, mencionando que, quando orientado, o uso dessas tecnologias pode auxiliar com músicas, figuras, imagens diversas, jogos interativos e respostas ativas. Além disso, alguns professores destacaram que as telas digitais tornam as aulas mais atraentes, de modo a propiciar maior participação das crianças, facilitar a aprendizagem por meio da interação e engajá-las no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Houve também reconhecimento da contribuição no desenvolvimento da comunicação, criação de frases, memória, atenção e controle das emoções. Essas justificativas abordam uma variedade de aspectos, indicando que os professores percebem as novas tecnologias como ferramentas que podem impactar positivamente o desenvolvimento da linguagem na educação infantil.

Quanto às ferramentas utilizadas, foram citadas televisão com uso de DVD e *pen drive*, rádios e *tablets*. Em relação à diferença das crianças que usam celulares ou telas

digitais, as respostas dos professores revelam uma série de preocupações em relação às crianças que fazem uso frequente de celulares ou telas digitais, pois algumas dessas crianças tendem a ser mais impacientes e enfrentam dificuldades para compartilhar e se socializar. Assim, o uso de telas digitais parece influenciar o desempenho das crianças, conforme relatam alguns professores, a saber: um professor destacou a desatenção das crianças como um possível impacto negativo no comportamento e na interação social; outro professor relatou que o uso de telas digitais torna as crianças menos propensas a participar em brincadeiras e se envolver com os colegas; outro mencionou o fato de que os celulares “deixam as crianças como que viciadas” e que a ausência de limites no tempo de uso de celulares ou telas digitais pode levar as crianças a deixar de brincar e de se socializar, gerando preocupações entre os professores e responsáveis sobre possíveis dependências. Um outro professor também levantou a hipótese de que o uso das telas digitais sem controle de adultos pode interferir no nível de desenvolvimento das crianças. Além disso, os professores mencionaram uma preocupação evidente com a saúde mental das crianças. O aumento da ansiedade e o prejuízo nas áreas de linguagem e sociabilidade foram identificados como possíveis consequências do uso prolongado de celulares e telas digitais. Essas percepções destacam a complexidade das influências das tecnologias no desenvolvimento infantil, sublinhando a necessidade de estratégias apropriadas que possam considerar tanto os possíveis riscos quanto os benefícios dessas interações digitais na infância.

No que tange às contribuições do uso de telas digitais ao desenvolvimento da linguagem da criança, segundo as respostas dos professores, as telas digitais são percebidas como ferramentas e, quando esse uso é dirigido ou orientado, podem auxiliar no desenvolvimento da linguagem da criança – em imitações, sons, canções, raciocínio lógico, concentração e criatividade – como meios que podem estimular habilidades diversas. Ou seja, no entendimento dos professores, por meio de músicas, histórias contadas e imagens de animais, as telas digitais enriquecem a experiência das crianças, proporcionando estímulos auditivos e visuais, contribuindo, assim, para o reconhecimento de cores, formas e alfabeto, e fortalecendo aspectos educativos específicos. Para eles, a utilização de telas digitais torna as aulas mais atraentes, pois motivam a participação da criança e sua aprendizagem, e propiciam um ambiente educacional mais dinâmico. No âmbito da comunicação e criação de frases, as telas digitais são entendidas pelos professores como uma ferramenta que pode influenciar positivamente o desenvolvimento linguístico. Ademais, o uso de telas digitais também é associado ao desenvolvimento da memória, da atenção e do controle das emoções, indicando uma possível influência nas habilidades cognitivas e emocionais das crianças. Essas respostas apontam para a variedade de maneiras pelas quais as telas digitais podem ser integradas ao contexto educacional.

No que se refere às percepções do segundo grupo respondente, os pais, sobre a identificação de quanto e como a criança usa as telas digitais no ambiente familiar, 75% dos respondentes afirmaram que seus filhos não possuem um dispositivo móvel, enquanto 25% indicaram que as crianças têm esse recurso. Essa disparidade pode refletir diferentes abordagens parentais em relação à introdução de dispositivos móveis na vida das crianças. Há pais atentos às necessidades dos filhos e que não veem o uso de celular como prioridade, preferem usar outros recursos ou brincadeiras e brinquedos para seus filhos. Portanto, quando se analisam esses resultados, é essencial considerar não apenas as percentagens, mas também explorar as motivações por trás das decisões parentais, possibilitando uma compreensão mais completa das dinâmicas familiares e seu impacto potencial no desenvolvimento infantil. Um dos objetivos do questionário foi identificar o que pode influenciar o desenvolvimento da linguagem na criança ao fazer uso constante de telas digitais, e, para isso, verificamos o conhecimento dos pais sobre como a criança aprende e como faz uso de telas. Desse modo, oito pais responderam que as crianças brincam quando estão em casa; destes, seis responderam que a criança brinca, assiste à TV ou usa o celular, dois disseram que somente brincam e um afirmou que a criança brinca com o irmão. De modo geral, o local de permanência dos filhos varia entre quarto, sala e quintal. Além disso, constatamos que os filhos interagem com pais, irmãos e avós.

Em relação ao uso do celular dos pais e com que frequência esse dispositivo é usado no ambiente familiar, uma significativa maioria, 87,5%, respondeu que as crianças utilizam o celular dos pais, enquanto 12,5% não o fazem. Essa prevalência do uso de dispositivos eletrônicos, como celulares, por parte das crianças pode ter implicações importantes no desenvolvimento da linguagem infantil. O uso excessivo ou inadequado do celular e/ou das telas pode resultar em menor envolvimento em interações verbais face a face, afetando negativamente o desenvolvimento da linguagem expressiva e receptiva. O equilíbrio entre o uso de tecnologia e a promoção de interações sociais é crucial para o desenvolvimento linguístico saudável.

No que concerne à frequência do uso do celular pelas crianças, obtivemos uma distribuição variada nas respostas: um quarto dos participantes relatou que as crianças utilizam o celular uma hora por dia, enquanto outra parcela semelhante mencionou que usa o dispositivo por meia hora a cada dia. Essa distribuição sugere uma moderação no tempo de exposição, com uma considerável parte dos respondentes indicando limites diários razoáveis. Outros 25% responderam que as crianças utilizam o celular sempre que solicitam, indicando uma abordagem mais flexível e dependente da demanda da criança. Por sua vez, uma proporção menor, 12,5%, mencionou períodos mais extensos, como quatro horas por dia, e outra parcela igual relatou que usa o celular duas horas por

dia. Essa diversidade nas respostas sugere que não há um consenso claro sobre a quantidade ideal de tempo que as crianças devem utilizar o celular.

No que se refere ao uso do celular pela criança, se o faz sozinha ou na companhia de alguém, os dados obtidos nos mostram que metade dos participantes indicou que seus filhos utilizam o celular de forma independente, sugerindo uma autonomia considerável quanto a esse aspecto. Uma parcela menor, 12,5%, mencionou que os filhos utilizam o celular na companhia da mãe ou do irmão. Isso sugere uma abordagem mais supervisionada, quando a presença de um adulto ou irmão pode influenciar o contexto do uso, possivelmente promovendo interações e compartilhamento de experiências digitais. Outros 12,5% afirmaram que seus filhos utilizam o celular às vezes acompanhados e às vezes sozinhos. Essa resposta indica uma flexibilidade nas práticas parentais, possivelmente se adaptando a diferentes situações ou idades da criança. Finalmente, outra parcela de 12,5% relatou que não permite que seus filhos usem o celular. Isso pode refletir uma escolha consciente de limitar ou atrasar a exposição digital das crianças, indicando uma preocupação com o controle e monitoramento do acesso. Essa diversidade de respostas ressalta a complexidade das decisões dos responsáveis em relação ao uso do celular pelos filhos, envolvendo considerações de autonomia, supervisão, flexibilidade e restrição.

A seguir, trataremos das respostas do questionário aplicado a profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Quanto à sua relação com o desenvolvimento da linguagem da criança, os profissionais afirmaram que o uso de telas pode influenciar esse desenvolvimento. Assim, os profissionais da área da saúde participantes apontam que o uso de telas pode influenciar o desenvolvimento da linguagem de maneira complexa. Em relação a ser positivo ou não, expuseram que, por um lado, a exposição excessiva pode limitar as interações sociais e a capacidade de observação, resultando em uma diminuição na capacidade de aprendizagem; por outro lado, algumas interações em ambientes digitais podem oferecer estímulos linguísticos positivos. Portanto, é importante equilibrar o uso de telas, garantindo que as crianças tenham oportunidades significativas de interação social e experiências no mundo real para um desenvolvimento linguístico saudável.

Quanto à percepção de diferença entre as crianças que usam celulares ou telas e quais seriam essas diferenças, os profissionais consideram que há diferença. Ao tratar de tais diferenças, um profissional mencionou que o atraso na fala e no desenvolvimento pode ocorrer devido ao uso excessivo de telas. Isso é respaldado pela observação dos profissionais fonoaudiólogos, que destacam a possibilidade de impacto negativo nas habilidades linguísticas quando as crianças são expostas intensivamente a dispositivos digitais. No que se refere à diferença entre crianças que usam celulares ou telas digitais, as respostas destacam que aquelas com problemas comportamentais podem

enfrentar desafios, especialmente quando o uso é excessivo. O baixo nível de atenção e tolerância nessas situações pode comprometer o desenvolvimento da criança, por isso a importância de monitorar e equilibrar o tempo de exposição às telas para garantir um ambiente saudável para o crescimento infantil.

Perguntamos também a esses profissionais se o uso de telas interfere no comportamento das crianças por eles atendidas, e todos afirmaram que sim. A justificativa para essa resposta baseia-se no fato de que as crianças, ao usarem celulares ou telas digitais de maneira excessiva, podem deixar de interagir com os outros para se envolver em atividades como jogos ou assistir a conteúdo na tela. Esse comportamento pode levar a uma atenção exclusiva à tela e a estímulos visuais, resultando em uma diminuição na interação social com os demais. Além disso, a prática comum da utilização de telas para acalmar as crianças, embora compreensível em algumas situações familiares, pode se tornar um padrão repetitivo. Isso, por sua vez, compromete a interação familiar e pode influenciar negativamente o desenvolvimento saudável da criança, ressaltando a importância de equilibrar o uso de telas para promover uma interação social mais ampla e variada.

Em relação à orientação aos pais das crianças atendidas pelos profissionais de diferentes áreas, estes afirmam que fornecem orientações aos pais, apontando uma preocupação sobre sua conscientização a respeito do uso de telas digitais ou celulares. Na justificativa a essa resposta, esses profissionais ressaltam que orientam os pais sobre como e quanto utilizar as telas para contribuir para o desenvolvimento infantil, evitando limitações ou prejuízos. Essa prática faz parte das orientações gerais oferecidas a todas as crianças atendidas. Quanto à expectativa sobre a faixa etária da educação infantil, os participantes destacam que, aos 2 anos de idade, espera-se que a criança esteja começando a produzir frases, responda ao ser chamada pelo nome e compreenda comandos realizando as ações correspondentes, demonstrando assim um desenvolvimento linguístico e cognitivo adequado para essa fase. Tais expectativas estão alinhadas ao desenvolvimento típico nessa fase, marcada por avanços significativos na linguagem, cognição e interação social. O acompanhamento desses marcos de desenvolvimento contribui para avaliar se a criança está progredindo de maneira adequada para sua faixa etária. Em relação à pergunta 21, sobre o desempenho da linguagem da criança esperado por esses profissionais em seus atendimentos, segundo os participantes, inclui a capacidade de compreender o que lhe é dito e de se comunicar de maneira compreensível. No que tange a esses atendimentos, há que se considerar o número de crianças atendidas diariamente por esses profissionais da saúde no contexto investigado, a saber: o profissional 1 (P1) (fonoaudiólogo) atendia 13 crianças; P2 (neuropediatra), 40 crianças; e P3 (psicóloga), dez crianças. Essa diversidade destaca a adaptabilidade dos profissionais diante de diferentes demandas de trabalho,

ressaltando a importância de considerar as características específicas de cada ambiente de atuação ao explorar a potencialidade das intervenções.

Ademais, é esperado que o desempenho da criança esteja adequado ao período de seu desenvolvimento, com a compreensão de que a linguagem está em constante evolução e que cada idade traz expectativas específicas em relação às habilidades linguísticas. Em relação ao desenvolvimento normal esperado de uma criança de 4 a 5 anos, espera-se que seja capaz de se situar no tempo verbal em seus relatos e comunicação receptiva e expressiva. Isso implica a capacidade de falar sobre suas necessidades, suas emoções e seus conhecimentos sem dificuldades, sendo compreendida facilmente. A criança nessa faixa etária deve fornecer dados pessoais, cantar músicas, contar histórias, apresentar frases organizadas em morfossintaxe e demonstrar um vocabulário rico.

Quanto à questão referente a assistir a conteúdos no celular, os impactos não se limitam apenas à saúde ocular, mas também envolvem aspectos comportamentais, físicos (diminuição da mobilidade), sensoriais (menor experiência), sociais e nutricionais (potencial risco de obesidade). Em relação à diferença entre o uso de tela de celular (distância curta) e tela de TV (longa distância) para crianças, há menção de que não há diferença, mas também é apontado que o uso de telas, independentemente da distância, pode induzir a erros refracionais, destacando a importância de considerar diversos aspectos ao avaliar o impacto do uso de telas na saúde visual das crianças. No que se refere à pergunta 25, sobre os sinais de atraso no desenvolvimento infantil que alertam sobre o uso de telas, os pais afirmaram que sim. A justificativa para essa resposta indica que o uso excessivo de telas pode comprometer tanto a comunicação verbal quanto a não verbal. Um exemplo citado é o atraso no desenvolvimento da linguagem compreensiva e expressiva. Além disso, os dados parecem ressaltar que a avaliação do desenvolvimento, incluindo os impactos do uso de telas, faz parte integrante da consulta neuropediátrica, enfatizando a importância de considerar esses aspectos no cuidado infantil. Ademais, os profissionais alertam para as alterações no comportamento. A justificativa para a resposta a essa pergunta, segundo os profissionais, reitera que o uso excessivo de telas pode levar a alterações nas funções executivas, que incluem habilidades cognitivas como o planejamento, organização e controle inibitório. Destacam ainda a possibilidade de alteração na percepção da realidade, sugerindo que o impacto das telas pode não se limitar apenas às funções linguísticas, mas também afetar aspectos mais amplos do funcionamento cognitivo e perceptivo das crianças. No que tange à pergunta 29, sobre a capacidade das crianças que esses profissionais atendem de discernir ou distinguir o mundo real do virtual, 33,3% desses profissionais afirmaram que as crianças não conseguem realizar essa distinção, possivelmente devido à faixa etária dos pacientes, o que favorece um mundo mais imaginário, tornando difícil fazer essa

avaliação com precisão. Outros 33,3% dos respondentes indicaram que essas crianças têm dificuldade em diferenciar esses dois mundos, destacando a possibilidade de menor contato com a realidade. Isso sugere uma preocupação com o impacto do uso de telas na percepção e compreensão da realidade por parte das crianças. Por fim, 33,3% dos respondentes apontaram maior dificuldade na diferenciação do mundo real e do mundo virtual pelas crianças. Essa resposta ressalta a ideia de que o mundo virtual pode, de alguma forma, afetar a capacidade de as crianças compreenderem e distinguirem o mundo real, apontando para a complexidade da relação entre o uso de telas e a percepção da realidade nas crianças.

A nosso ver, a análise do questionário dos três grupos nos possibilitou identificar respostas relevantes em relação aos objetivos específicos de nossa pesquisa, permitindo-nos entender que, em uma perspectiva interdisciplinar, é necessário levar em consideração os diversos aspectos e contextos envolvidos. Para isso, podemos nos servir de diferentes campos teóricos, tais como a psicologia e a educação, conforme já discutimos anteriormente, bem como da pesquisa interdisciplinar, vinculada à teoria da complexidade, ao nos remetermos tanto à relação entre as partes e o todo (princípio hologramático), quando tratamos dos contextos específicos de formação e desenvolvimento da criança nas diferentes situações sociais das quais ela participa, por exemplo, quanto ao ciclo recursivo (princípio da recursividade), quando um elemento ou sujeito contribui para o outro na sociedade, como é o caso dos professores e profissionais, no caso deste estudo, que contribuem para a formação das crianças em fase pré-escolar, assim como o caso dos pais que também contribuem para a formação de seus filhos, e, posteriormente, as mesmas crianças e filhos crescerão, aprenderão e se desenvolverão podendo retribuir aos contextos sociais dos quais têm participado.

Nesse sentido, esta seção e todo o nosso estudo nos possibilitaram desenvolver uma compreensão e uma reflexão mais ampliada acerca das diversas questões que permeiam a formação humana quanto ao uso de telas digitais, contribuindo para o desenvolvimento social dos sujeitos inseridos em uma sociedade que permite o uso de tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

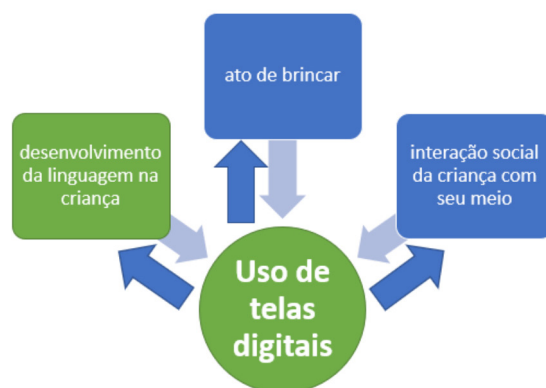
As análises dos dados obtidos com este estudo nos permitiram constatar uma grande preocupação por parte dos profissionais participantes da pesquisa, pois identificamos indícios de um processo de reflexão crítica de sua parte em relação às experiências vividas no intuito de cumprir seu papel na sociedade. Com isso, ressaltando o intuito de nossa pesquisa, de alertar a sociedade e contribuir para o melhor desenvolvimento das crianças quanto ao uso de telas, a nosso ver, a discussão teórica, a descrição do contexto investigado e a análise dos dados obtidos nos permitiram entender de

maneira mais ampla que a interação ou a falta de interação com outros indivíduos podem influenciar ou constituir a formação das crianças. Além disso, as contribuições advindas de outras áreas nos auxiliaram no entendimento do contexto investigado e dos aspectos que o constituem e/ou o influenciam, como o campo da psicologia, que nos possibilitou refletir sobre e entender o papel da interação na formação do sujeito.

Em relação aos questionários aplicados, a maioria dos participantes indica que o uso de telas digitais por crianças pode implicar pontos negativos e positivos. No entanto, é necessário que haja cuidado ou vigilância do adulto responsável quanto aos conteúdos visualizados e ao tempo de permanência diante das telas. No que se refere aos objetivos específicos e às perguntas de nossa pesquisa, analisamos e discutimos os dados encontrados no sentido de responder a eles, a fim de entender o objeto da nossa investigação. Desse modo, no que se refere ao uso de ferramentas tecnológicas e à sua influência no desenvolvimento da linguagem na criança, constatamos a preocupação dos profissionais e também dos pais sobre o uso de telas digitais e sua influência na vida das crianças, não somente em relação ao uso da linguagem, mas também ao seu desenvolvimento, seja na área motora, psicológica ou social. A nosso ver, é fundamental que haja maior interesse por parte da sociedade pela geração de políticas públicas sobre a temática tratada neste estudo, no sentido de haver orientações mais precisas acerca do período de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Quanto ao limite de tempo para uso de telas por crianças pequenas, a SBP apresenta recomendações que deveriam ser seguidas para não haver comprometimento no desenvolvimento das crianças, conforme vimos ao longo desta pesquisa. Enfim, este estudo permitiu-nos constatar que outros elementos, como o ato de brincar e a socialização da criança com seu meio, são influenciados pelo uso de telas digitais para além do desenvolvimento da linguagem na criança, conforme ilustramos na Figura 6.

Figura 6: Fatores que influenciam e são influenciados pelo uso de telas digitais



Fonte: Elaborada pela autora.

Por meio das discussões propostas com esta pesquisa, um de nossos intuitos foi evidenciar quanto a rotina de nossas crianças tem mudado com o uso de telas digitais e como isso tem influenciado o processo de desenvolvimento delas. Os dados obtidos e analisados evidenciaram a preocupação quanto ao ato de brincar e à falta de interação dos pequenos. Com isso, retomamos a questão norteadora deste estudo apresentada em sua introdução, a saber: “O uso de telas digitais por crianças em idade pré-escolar pode influenciar e/ou afetar seu desenvolvimento?”. Em síntese, trata-se de uma temática abrangente e que envolve o papel social das políticas públicas voltadas aos direitos da criança de se desenvolver, brincar e aprender, o que é complexo e requer compromisso e engajamento não somente por parte do professor, mas também dos pais e de toda a sociedade.

Por essas razões, para além de alertarmos e conscientizarmos professores, outros profissionais e pais das crianças sobre as influências que o uso de telas digitais pode ter no desenvolvimento da linguagem na criança, no seu ato de brincar e na interação social com seu meio, defendemos que é de suma importância investigar e analisar as experiências e/ou vivências sociais das crianças em seus contextos familiares, bem como as práticas formativas que podem auxiliá-las em seu processo de formação e desenvolvimento. Por fim, esperamos que esta pesquisa possa motivar estudos posteriores acerca da temática e da discussão proposta para que o debate social seja instaurado no âmbito dessas questões.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, A. T. *et al.* Histórico, fundamentos filosóficos e teórico metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JÚNIOR, A.; SILVA NETO, A. (org.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. São Paulo: Manole; Brasília: Capes, 2011. p. 3-68.
- BOMDARUK, C. *A saúde mental docente: desafios de uma prática profissional*. 2024. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2024.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008. (Série Estratégias de Ensino, n. 8).
- BRITO, P. K. H. *Uso de telas digitais na primeiríssima infância, sob a ótica de mães e profissionais*. 2022. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11951858. Acesso em: 18 fev. 2023.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1997.

- CRISTOVÃO, V. L. L.; FOGAÇA, F. C. Desenvolvimento: um conceito constitutivo do gênero profissional docente. In: CRISTOVÃO, V. L. L. (org.). *Estudos da linguagem à luz do interacionismo sociodiscursivo*. Londrina: Editora UEL, 2008. p. 13-33.
- DIVAN, L. M. F.; OLIVEIRA, R. P. de. A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. *Gragoatá*, Niterói, n. 25, p. 185-202, set. 2008.
- FACCI, M. G. D. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas: Autores Associados, 2004. (Coleção Formação de Professores).
- MARX, K. Das Kapital I. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Werke*. Berlin: Dietz Verlag Berlin, 1962. Band 23.
- MORAES, L. dos S. *Uso de telas digitais por crianças de um centro de educação infantil*. 2023. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2023. Disponível em: <https://shorturl.at/L8Br6>. Acesso em: 29 out. 2024.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, D. F. (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-55, 274-289.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MORIN, E. *Fundamentos da metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- PETO, L. C.; VERÍSSIMO, D. S. Considerações acerca do problema da corporeidade em Marx. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 31, p. 193-205, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6435>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Recebido em: 17.12.2024

Aprovado em: 05.05.2026